

“Se ao menos...”

(Juízes 8)

Bruce McLarty

Depois que os efraimitas dominaram as vaus do rio Jordão e executaram Orebe e Zeebe, dois líderes midianitas, eles voltaram a Gideão com uma crítica acirrada. Por que ele não os chamou antes de ir para a batalha? Os efraimitas haviam lutado antes com Eúde e Baraque, mas Gideão não julgou conveniente chamá-los para lutar com os midianitas. Talvez se sentissem incomodados. Talvez estivessem sofrendo de orgulho ferido. Talvez estivessem apenas ambicionando os tesouros conquistados que haviam perdido. Qualquer que fosse o motivo, estavam enfurecidos por terem sido descartados do ajuntamento de tropas.

Gideão demonstrou a habilidade de um diplomata ao responder aos efraimitas irritados. Respondendo com extrema humildade, ele perguntou: “Não são, porventura, os rabiscos [‘o resto das uvas’, na NVI] de Efraim melhores do que a vindima de Abiezer?” (8:2). Ao diminuir suas próprias realizações e elogiá-los por capturar Orebe e Zeebe, a fúria dos soldados negligenciados dissipou-se.

A BATALHA CONTINUA

Tendo resolvido a contenda entre as tribos, Gideão e seus trezentos homens saíram em busca dos dois reis midianitas, Zeba e Zalmuna, e aos remanescentes do exército, anteriormente poderoso. Depois que os homens de Gideão atravessaram o Jordão, chegaram à cidade de Sucote. Famintos e exaustos, pediram comida aos habitantes da cidade. Embora 120.000 midianitas tivessem sido mortos (8:10), eles ainda

superavam o exército de Gideão, sendo 15.000 midianitas contra os 300. Conseqüentemente, os homens de Sucote se recusaram a atender ao pedido de Gideão e lhes disseram para voltar quando tivesse capturado os dois reis que estavam tentando encontrar. Gideão ficou furioso com essa resposta e prometeu voltar e “trilhar a carne deles” (8:7). Saindo de Sucote, fizeram o mesmo apelo dez quilômetros adiante, na cidade de Penuel. Todavia, o pedido recebeu a mesma resposta em Penuel, o que fez Gideão ameaçá-los também com destruição.

O relato da batalha final entre Gideão e os midianitas é conciso e oferece poucos detalhes do conflito. Gideão tomou um rumo surpreendente, oprimiu os midianitas desprevenidos num ataque fulminante e “desbaratou todo o exército” (8:12). Tendo resolvido o problema dos midianitas, Gideão voltou a Sucote, onde castigou os homens da cidade com “espinhos do deserto, e abrolhos” (8:16). Penuel recebeu um castigo ainda mais severo quando Gideão derrubou a torre deles e os homens da cidade foram mortos.

O único detalhe pendente da campanha militar de Gideão envolvia os dois reis midianitas que ele havia capturado. Parece que em um dos seus ataques anteriores eles haviam matado o irmão de Gideão. Quando este lhes perguntou sobre isso, confessaram o assassinato e Gideão os sentenciou à morte. Querendo humilhar Zeba e Zalmuna ao matá-los, Gideão deu a ordem de execução ao seu jovem filho. O menino, porém, não conseguiu fazê-lo, de modo que Gideão “dispôs-se... e matou” os dois (8:21).

UM FRACASSO ESPIRITUAL

O serviço militar de Gideão terminou com sucesso total, mas sua cruzada espiritual foi um fracasso abismal. Com os midianitas não só derrotados mas expulsos da terra, os israelitas tentaram fazer de Gideão o seu rei. Disseram a Gideão: “Domina sobre nós, tanto tu como teu filho e o filho de teu filho, porque nos livraste do poder dos midianitas” (8:22). Para o seu próprio bem, Gideão recusou a oferta deles e o fez por motivos certos. “Não dominarei sobre vós, nem tampouco meu filho dominará sobre vós; o Senhor vos dominará” (8:23). Todavia, Gideão fez um pedido fatal. Do despojo da guerra, ele pediu que cada homem contribuísse com uma argola, o que fizeram de bom grado. Esse gesto aparentemente inocente de gratidão provou ser motivo de destruição tanto para Gideão como para o povo. Tomando mil e setecentos siclos de ouro, “fez Gideão uma estola sacerdotal e a pôs na sua cidade, em Ofra; e todo o Israel se prostituiu ali após ela; a estola veio a ser um laço a Gideão e à sua casa” (8:27).

Uma estola era uma veste especial feita para sacerdotes. A estola de Gideão, bem trabalhada e profusamente ornamentada com jóias, provavelmente foi erguida no alto como um objeto de adoração. De “exterminador de ídolos” Gideão passou a ser “fabricante de ídolos”! Talvez o atrativo especial que a estola representava para Gideão fosse sua ligação com o peitoral do sumo sacerdote (Êxodo 28:2–30). Esse acessório da estola sacerdotal, ricamente ornamentado com jóias, continha o Urim e o Tumim, que serviam para se tirar a sorte ao determinar qual era a vontade de Deus. Gideão ainda estava buscando sinais de Deus! Andar pela fé nunca foi algo aceitável para ele, e sua obsessão por conhecer o futuro obscureceu para sempre o seu legado.

Apesar desse pecado de Gideão, Israel usufruiu de paz pelos próximos quarenta anos de vida desse juiz. O trágico final dessa história, porém, deixou Israel novamente numa espiral descendente.

Morto Gideão, tornaram a prostituir-se os filhos de Israel após os baalins e puseram Baal-Berite por deus. Os filhos de Israel não se lembraram do Senhor, seu Deus, que os livrara do poder de todos os seus inimigos ao redor (8:33, 34).

O culto a Baal ocorreu no início e no fim da carreira de Gideão. Seu primeiro ato como líder em Israel foi derrubar o altar de seu pai a Baal, e o resultado final de sua liderança foi um retorno

ao culto a Baal. Parece que poucas coisas mudaram, e nisto reside o mistério desta história.

Quando o anjo de Deus apareceu a Gideão no tanque de prensar uvas, toda a nação de Israel clamava pela libertação da opressão dos midianitas. Se fosse feita uma pesquisa entre o povo, naquela época, para se descobrir qual era o primeiro item de suas listas de oração, cem por cento das respostas seriam: “Libertação dos midianitas”. Se ao menos a praga da opressão estrangeira fosse eliminada, eles sabiam que a vida seria melhor. Ouvindo as súplicas do povo, o Senhor usou Gideão para expulsar os midianitas e lhes dar quarenta anos de paz. Apesar disso, no final, a libertação não resolveu os maiores problemas daquele povo. Os midianitas podiam ter ido embora, mas o culto a Baal ainda estava ali. Israel ainda tinha um coração idólatra! A experiência deles prova que *a maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

“Se ao menos” são palavras que contaminam nossas almas e escurecem nossa visão. “Se ao menos” nos incentiva a viver a vida de outra pessoa em vez de vivermos a nossa própria vida. “Se ao menos” nos permite negligenciar a responsabilidade sobre os nossos próprios atos e nos tornarmos apenas mais uma vítima da vida. “Se ao menos” pode nos roubar anos de vida e nos presentear de volta com nada mais que pesares. Apresentamos a seguir alguns exemplos de “se ao menos”. Analise qual deles lhe soa familiar?

“Se ao menos... eu fosse mais velho!” Muito usado por crianças e adolescentes que anseiam pelo poder de controlar suas próprias vidas, este “se ao menos” oferece a ilusão de que os adultos controlam o seu próprio mundo. “Se ao menos eu fosse mais velho, eu poderia fazer grandes coisas para Deus”. Nós, adultos, recordamos quando tínhamos esse anseio e reconhecemos que a vida nunca está completamente no nosso controle e que *a maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

“Se ao menos... eu fosse mais jovem!” Este “se ao menos” é uma obsessão nas culturas centralizadas na juventude. A juventude oferece a perspectiva de mais energia, saúde melhor e menos fracassos. “Se ao menos eu fosse mais jovem, eu poderia fazer grandes coisas para Deus.” Os jovens podem olhar para essas ilusões simplistas

e nos advertir de que *a maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

“Se ao menos... eu fosse casado!” Grito de muitos solteiros, este “se ao menos” focaliza apenas os benefícios da vida de casado: fim da solidão, um parceiro no serviço para o Senhor, nenhuma sensação de estar “sobrando” numa igreja voltada para casais. “Se ao menos eu fosse casado, eu poderia fazer grandes coisas para Deus.” Quem é casado sabe muito bem que sua condição tem suas próprias lutas e almeja dizer aos amigos solteiros que *a maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

“Se ao menos... eu fosse solteiro!” Agora a condição de estar casado é o empecilho. Olhando com inveja para a liberdade dos solteiros em usar seu tempo e dinheiro como querem sem ter de avaliar as conseqüências de seus atos em relação a uma família, as pessoas casadas às vezes pensam: “Se ao menos eu fosse solteiro, eu poderia fazer grandes coisas para o Senhor.” Imaginam que iriam a campanhas evangélicas e dariam mais dinheiro para necessidades especiais se não tivessem esposa e filhos para considerar. Estão consumidas pelo espírito de “se ao menos”. Mas os solteiros sabem que seus irmãos casados simplesmente se esqueceram de que a liberdade tem o seu preço. Mais uma vez, *a maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

“Se ao menos... eu tivesse filhos!” Tenho uma porção de amigos que sofrem a dor profunda de não terem filhos. A dor de um berço vazio inevitavelmente produz uma luta espiritual e, geralmente, se expressa na visão de que “eu” não sou útil no reino de Deus. “Se ao menos eu tivesse filhos, eu poderia fazer grandes coisas para o Senhor”. Embora não tenham seus próprios filhos para segurar e acariciar, existem pessoas ao redor delas, jovens e velhas, famintas do amor que elas podem dar. *A maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

“Se ao menos... eu tivesse mais escolaridade!” Morando numa cidade universitária, estou cercado por pessoas que têm sede de conhecimento. O problema com o aprendizado, no entanto, é que quanto mais você sabe, mais você sabe o quanto não sabe. O conhecimento, por sua

própria natureza, nunca satisfaz; apesar disso, é difícil escapar da ilusão de “mais um nível de escolaridade”. “Se ao menos eu tivesse mais nível de escolaridade, eu poderia fazer grandes coisas para Deus.” Quem conseguiu exatamente o nível que estamos ansiando poderia nos dizer que isso fez pouca diferença no seu relacionamento com o Senhor. *A maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

“Se ao menos... eu tivesse um emprego melhor!” O trabalho consome tanto de nossas vidas que um trabalho menos que prazeroso pode nos fazer sentir miseráveis (e miseráveis para os que nos rodeiam). “Se ao menos” o chefe fosse mais flexível; o cargo, menos estressante e o salário, melhor, então a vida seria melhor, pensamos. “Se ao menos eu tivesse um emprego melhor, eu poderia fazer grandes coisas para Deus.” Outros sabem que todo o mundo tem de prestar contas a alguém, que todo trabalho tem a sua carga de estresse e que jamais ganharemos dinheiro ou reconhecimento na medida que julgamos merecer pelo trabalho que realizamos. *A maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

“Se ao menos... eu tivesse mais dinheiro!” Sempre podemos vislumbrar as boas obras que gostaríamos de fazer se tivéssemos dinheiro. Com milhões de dólares poderíamos enviar missionários, alimentar os famintos, cuidar das crianças rejeitadas e sustentar escolas cristãs. “Se ao menos eu tivesse mais dinheiro, eu poderia fazer grandes coisas para Deus.” O próprio Jesus nos alerta que Ele está mais interessado no que fazemos com o nosso dinheiro do que em quanto dinheiro temos para dar. É admirável que poderíamos ser tão nobres de espírito se tivéssemos um milhão de dólares, mas o que estamos fazendo com o dinheiro que temos? *A maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

“Se ao menos... minha escola/igreja/cultural/família/bairro/país fosse melhor!” Obviamente, a lista pode continuar. A coisa importante é olhar de frente para aquilo que estiver sendo o nosso “se ao menos”. A experiência de Gideão nos convida a olhar para os nossos “se ao menos” e nos lembrarmos de que *a maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos.*

LEALDADE VERSUS CIRCUNSTÂNCIAS

No final do Evangelho de João está registrado um encontro entre Jesus e Pedro que reflete esta verdade (João 21:18–22). Pouco antes desse incidente, Jesus havia confrontado Pedro e demonstrado que o pecado do apóstolo de negar a Jesus na noite do Seu julgamento havia sido perdoado. A seguir, Ele advertiu Seu seguidor arrependido acerca do sofrimento e do martírio em seu futuro e reafirmou a Pedro o chamado que Ele fizera a todos os discípulos no começo: “Segue-me”. Talvez temendo o que Jesus havia profetizado, Pedro deu meia-volta, apontou para o apóstolo João e perguntou: “Senhor, e quanto a ele?”

João 21:22

“Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me.”

Isto não parece simplesmente mais uma maneira de se dizer: “*A maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos*”? A saúde, os talentos, as oportunidades e os problemas dos discípulos não eram, no final, importantes. O que importava era a obediência deles ao mandamento “segue-Me” em quaisquer que fossem as circunstâncias que estivessem enfrentando.

CONCLUSÃO

O escritor Steve Farrar relatou a história de

um veterano que vivenciou um acontecimento extraordinário enquanto servia como aviador na Segunda Guerra Mundial. Durante uma missão seu B-17 foi atingido pela artilharia antiaérea nazista. O tanque de combustível foi perfurado; mas, por um milagre, não explodiu. A tripulação finalizou o vôo e voltou a salvo para a base. Na manhã seguinte, o chefe da tripulação foi até os mecânicos e pediu uma lembrança da sua inacreditável “sorte”. Disseram-lhe que os tanques haviam sido atingidos não por um único projétil antiaéreo, mas por onze projéteis! Onze projéteis antiaéreos atingiram o seu avião, e nenhum explodiu! Quando examinados, verificou-se que todos os projéteis estavam vazios por dentro, como se alguém tivesse se esquecido de enchê-los com explosivos. Então, dentro de um projétil, descobriram uma observação escrita em tcheco. Assim que encontraram alguém na base que podia ler aquela língua, souberam que a inscrição dizia: “Isto é tudo o que podemos fazer por vocês agora”¹. Podemos imaginar as terríveis condições em que os escritores do recado trabalhavam. Nada sabemos sobre essas pessoas: fizeram o que estava ao seu alcance, nos lembrando que *a maior questão da vida não são as circunstâncias e, sim, a nossa lealdade a Deus em qualquer circunstância que enfrentemos!* □

¹ Steve Farrar, *Standing Tall* (“Peito para Frente e Barriga para Dentro!”). Sisters, Ore.: Multnomath, 1994, p. 159.